

[114]

A vida boa no Vale do Rio Caí

08 – 09 – 01

[Há no Brasil lugar em que agricultor com pouquíssima terra alcança alto índice de desenvolvimento]

[Traço marcante é o pleno emprego viabilizado por diversificação das economias]

Quem quiser conhecer as tendências rurais do desenvolvimento contemporâneo não precisa ir à Europa, América do Norte ou Japão. Poderá encontrá-las muito mais perto, ainda que em estado latente. Por exemplo, dando uma volta por alguns dos 20 municípios do belo e tranquilo Vale do Rio Caí, a cerca de 100 quilômetros de Porto Alegre. Estão nesse vale alguns dos municípios brasileiros que atingiram os mais altos índices de desenvolvimento humano (IDH) em 1991. Inclusive Feliz, o primeiro colocado no levantamento *Desenvolvimento Humano e Condições de Vida: Indicadores Brasileiros* (Brasília: PNUD/IPEA/FJP/IBGE, 1998). Feliz foi depois dividido em quatro, dando origem a três novos municípios: Alto Feliz, Linha Nova e Vale Real.

O traço mais marcante é o pleno emprego possibilitado pela diversificação das economias locais. Esta permite que parte dos membros das famílias agrícolas aumente a renda domiciliar trabalhando em empresas dos setores secundário e terciário, sem ficar desocupada em seus períodos de retração. “No interior ninguém fica desempregado, pois, quando perde o emprego, aumenta a atividade rural”, gabam-se vereadores, secretários, prefeitos e técnicos da extensão rural. Tanto é que não causou grave problema o duplo fechamento das plantas que a Antártica e a Grendene mantinham “na” Feliz (como se diz no jargão regional para evitar o trocadilho com “em Feliz”). Muitos dos dispensados até tiraram proveito de precoces aposentadorias para melhorar a inserção de seus sítios no forte *cluster* de hortifrutigranjeiros que domina a parte mais dinâmica do território que continuou “da” Feliz após a partilha.

No novo município Alto Feliz, o caráter polivalente das famílias rurais se manifesta de forma mais intensa nos chamados “ateliês”. Tanto de malharia, como de costura à mão de peças de sapatos montados nas grandes fábricas dos distritos calçadistas do vizinho Vale do Sinos (Novo Hamburgo e São Leopoldo). O sucesso chega a transformar alguns desses “ateliês” em pequenas manufaturas, mas a maioria permanece apenas como fonte de renda complementar para famílias que exercem atividades primárias. E essa simbiose funciona tão bem que a maior preocupação das elites locais é evitar que os novos investimentos tragam “gente de fora”. Abominam aquela parte da antiga Feliz que deu origem ao município Vale Real, onde o crescimento econômico sempre esteve ligado à disponibilidade de matéria prima para a indústria de cerâmica e à proximidade da estrada asfaltada. Hoje, enquanto centenas de seus habitantes fazem o chamado movimento pendular para trabalhar em Caxias do Sul, outros provocam sérias enchentes porque já escavam até as beiradas de rio.

A preocupação de manter expansão econômica local sob rédea curta é ainda mais flagrante em municípios controlados por uma única comunidade étnica, como é o caso de Linha Nova. Nesse quarto pedaço da antiga Feliz, quase toda a população é formada por descendentes germânicos luteranos. Apenas sete famílias são católicas. Daí porque o novo minúsculo município é visto como uma espécie de casamata agropecuária - fornecedora de leite e de couve-flor - cujos fortes laços com a Alemanha também garantem intenso intercâmbio turístico. Trata-se de uma comunidade muito unida e extremamente participativa, cujo próximo índice de desenvolvimento humano com certeza ultrapassará o da antiga Feliz.

Mas desse páreo pelo mais alto IDH participam muitos outros municípios do Vale do Caí, como é o caso de Harmonia, que se empenha em reforçar sua tradicional fruticultura com pecuária intensiva, agroindústrias e duas pequenas fábricas de calçados que empregam cerca de 120 pessoas. Um engenhoso sistema de atribuição de bônus para incentivar a emissão de notas fiscais nas vendas de produtos primários rapidamente multiplicou por 7 a arrecadação local de ICMS. E um fundo rotativo municipal garante crédito barato a seus agricultores, que, aliás, raramente dispõem de áreas superiores a 8 hectares.

Por isso, quem precisa conhecer com urgência o Vale do Caí são aqueles pesquisadores da Embrapa que se especializaram em condenar os agricultores brasileiros com menos de 100 hectares ao êxodo para as grandes cidades. Não somente ocorre por lá o inverso (ver quadro), como são justamente agricultores familiares com pouquíssima terra os que constroem esses municípios de altíssimos IDH. Basicamente porque diversificam as economias locais - a começar por seus próprios sistemas produtivos - para tirar partido da flexibilidade que lhes propicia a pluralidade dos mercados de trabalho.

Dinamismo exemplar do Vale do Caí

	População		Variação		Densidade hab/km ²
	1991	2000	1991-2000	%	
Feliz	9 073	11 319	2 246	25	122
Vale Real	3 427	4 337	910	27	76
Linha Nova	1 459	1 563	104	7	25
Alto Feliz	2 786	2 828	42	2	33
“Antiga Feliz”	(16 745)	(20 047)	(3 302)	(20)	(67)
Harmonia	3 074	3 659	585	19	75
Vale do Caí	148 159	177 399	29 240	20	84
Porto Alegre	1 251 885	1 360 033	108 148	9	2 745

Fonte: Sinopse Preliminar do Censo Agropecuário de 2000.